

## **METODOLOGIAS ATIVAS NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: INTERVENÇÕES DO PIBID COM O PROJETO VIDA NA METRÓPOLE**

**Marnielly Barbosa Carneiro**

marniellybc@gmail.com

### **Resumo**

*O objetivo deste trabalho é relatar sobre uma prática educativa relacionada à utilização de metodologias ativas em sala de aula, compreendendo-a como uma maneira eficaz de envolver e estimular o estudante durante a aprendizagem, a partir de uma abordagem qualitativa. No contexto atual, a escola brasileira torna-se desafiadora para o ensino de Geografia. O desinteresse pela disciplina é fato, mas é necessário inovar. Com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) tivemos a oportunidade de atuar em uma escola pública da periferia de Fortaleza (CE) com intervenções utilizando metodologias ativas. Para tanto, planejamos o Projeto Vida na Metrópole, onde abordamos temas relacionados com a realidade dos estudantes. No Projeto, levamos para os estudantes a montagem de maquetes e brinquedos reciclados, tornando as intervenções mais ativas e lúdicas. Foi possível perceber que o interesse dos estudantes durante as intervenções onde aplicamos metodologias ativas era elevado, o que potencializou o entendimento e interesse de cada um nos temas abordados. As metodologias ativas são eficazes e podem potencializar o ensino de Geografia, cabe ao professor, de acordo com suas possibilidades, proporcionar aos estudantes aulas mais ativas.*

**Palavras-chave:** Metodologias Ativas; PIBID; Maquete.

### **Introdução**

O atual ensino de muitas instituições escolares no Brasil ainda tem como principal modelo as aulas expositivas, onde o professor fica à frente da turma, os estudantes escutam o conteúdo que ele fala e no fim tentam memorizar, repetir, e/ou reproduzir as informações. Como uma forma de contornar essa situação, as metodologias ativas vêm ganhando mais espaço nas salas de aula. São alternativas que buscam tornar o ensino e a aprendizagem mais significativos, colocando o estudante no papel de protagonista do seu próprio aprendizado; produzindo conhecimento, e não mais apenas reproduzindo-o.



Nos anos finais do Ensino Fundamental, algumas metodologias ativas podem ser uma ferramenta importante para complementar o desenvolvimento da aula. No curso de Geografia, durante o período de abril 2016 a março de 2018, fizemos parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)<sup>1</sup>, onde adquirimos experiências que nos fizeram refletir sobre a prática docente.

Durante as intervenções do PIBID nas escolas, já pensando sobre a eficiência das metodologias ativas no ensino, inserimos algumas destas em sala de aula. No ano de 2017, atuamos junto com outros cinco colegas bolsistas, numa Escola de Tempo Integral do município de Fortaleza, localizada no bairro Siqueira, em Fortaleza-CE. Esta é uma escola de Ensino Fundamental, com uma infraestrutura razoável para atender às necessidades dos estudantes para ficarem na escola no tempo integral e com salas de aula temáticas (cada sala correspondia a uma disciplina).

Nesta escola, atuamos durante o período letivo nas turmas do 7º ano e do 8º ano, no turno da tarde, uma vez por semana. Como é uma escola de periferia, encontramos estudantes que vivem realidades diversas, sendo a grande maioria filhos de pais que pertencem à classe trabalhadora de baixa renda. O professor supervisor de Geografia estava no exercício da docência há anos e com planos já de se aposentar. Suas aulas eram marcadas por metodologias tradicionais que entediavam os estudantes e os deixavam dispersos. Essa dispersão contribuía para que as turmas desenvolvessem um comportamento desinteressado pela disciplina de Geografia.

Dar significado para os conteúdos ministrados na escola vem sendo um dos grandes desafios para os professores que, cada vez mais, se deparam com estudantes, em sua maioria, completamente desestimulados e desinteressados. Estas dificuldades são heranças de uma escola que demorou a se adaptar à nova realidade dos estudantes, que possuem novos interesses, outras formas de lidar com a realidade e diversas formas de acesso à informação.

---

<sup>1</sup> O PIBID é um programa de formação de professores do Governo Federal que oferece bolsas aos estudantes de licenciatura para desenvolverem atividades e fazerem intervenções em escolas públicas, antecipando o contato desses estudantes com o seu futuro ambiente de trabalho, além de possibilitar um contato direto entre a Universidade e as escolas.

Um das características mais importantes que deve ser estimulada no estudante na escola é a curiosidade. O desejo de entender e saber o porquê das coisas. A escola como um ambiente de educação e conhecimento, deve explorar a curiosidade dos estudantes, utilizá-la a seu favor. Para muitos professores, esse estímulo à curiosidade é um desafio, visto a atual situação das escolas e da educação no país e, para Freire (2011, p. 82), “o educador que, entregue a procedimentos autoritários ou paternalistas que impedem ou dificultam o exercício da curiosidade do educando, termina por igualmente tolher sua própria curiosidade”.

A renovação da metodologia da aula se mostra cada vez mais necessária, algo importante tanto para o aprendizado dos estudantes como para a prática do professor. O modelo convencional de ensino já se torna ultrapassado e isso é visível, pois se reflete no comportamento desinteressado dos estudantes pelos conteúdos geográficos, pois não tem significado algum na vida prática o que contribui, por exemplo, para a evasão escolar.

Muitos professores e pesquisadores já perceberam isto e já trazem algumas soluções que podem ser eficazes, recuperando, assim, a valorização da Geografia escolar. Para Cavalcanti (2012, p. 9), a geografia do aluno deve ser uma referência constante no processo de ensino-aprendizagem, visto que a geografia está presente em todos os âmbitos da vida dos indivíduos. Trazer o espaço vivido, as experiências e exemplos do cotidiano do estudante para a sala de aula são uma forma de atrair a atenção e o interesse dele, pois motivar os estudantes é o principal desafio.

Deve-se levar em conta que os estudantes também são agentes no processo de produção e reprodução do espaço, eles também fazem parte dos fluxos, da construção de territórios, têm suas demandas, criam seus próprios lugares, fazem parte das paisagens e movimentam a cidade (ibid, p. 118). Os conhecimentos prévios dos estudantes são a porta de entrada para os novos conhecimentos e, também, são uma forma de tornar mais significativos os conteúdos, visto que deixam de ser apenas conteúdos e exemplos abstratos e passam a ser concretos.

Portanto, nas metodologias ativas temos processos de ensino e de aprendizagem que colocam o estudante como protagonista do seu próprio aprendizado e o professor se posiciona como mediador do conhecimento, aquele que mostra o caminho pelo qual o estudante deve seguir por conta própria. O ensino deixa, assim, de ser passivo e passa a ser ativo,



potencializando a aprendizagem do estudante, estimulando sua capacidade de resolver problemas, sua reflexão sobre os temas abordados e sua criticidade, além de tornar o ensino mais significativo para ele.

Assim, as intervenções em sala de aula durante o projeto do PIBID tiveram como objetivo principal a utilização de metodologias ativas para o ensino de Geografia nos anos finais do Ensino Fundamental, além de promover a interação entre os estudantes e os bolsistas com fundamento nos conhecimentos prévios de cada um e produzir com os estudantes materiais de auxílio para o ensino de Geografia. Desta forma, o objetivo geral deste trabalho é relatar sobre esta prática educativa relacionada à utilização de metodologias ativas em sala de aula, a partir de uma abordagem qualitativa.

### **Fundamentação teórica**

As diferenças entre a metodologia de ensino tradicional e as metodologias ativas são claras e inúmeras, que vão desde o planejamento até a avaliação dos processos de ensino e aprendizagem. Para definir o que são as metodologias ativas, tenho como principal referência Bastos (2006), pois ele explica que:

[...] metodologias ativas são processos interativos de conhecimento, análise, estudos, pesquisas e decisões individuais ou coletivas [...] É o processo de ensino em que a aprendizagem depende do próprio aluno. O professor atua como facilitador ou orientador para que o estudante faça pesquisas, reflita e decida por ele mesmo, o que fazer para atingir um objetivo. É um processo que estimula a auto aprendizagem e facilita a educação continuada porque desperta a curiosidade do aluno e, ao mesmo tempo, oferece meios para que possa desenvolver capacidade de análise de situações [...] (BASTOS, 2006).

Daí encontra-se a necessidade de renovar o ensino com as metodologias ativas, pois, segundo Berbel (2011), elas têm o potencial de despertar a curiosidade dos estudantes, à medida que eles se inserem na teorização e trazem elementos novos para a sala de aula, ainda não considerados nas aulas ou até mesmo na própria perspectiva do professor. Quando o interesse do estudante sobre a aula está alto, além de melhorar o desenvolvimento da aula, outros problemas paralelos também vão diminuindo, como a indisciplina.

Por isso, as metodologias ativas são a principal aposta de muitos estudiosos para superar essa situação, visto que “um dos princípios da aprendizagem ativa é promover a interação entre os estudantes com o propósito de resultar em uma aprendizagem participativa e significativa, dentro e fora de sala de aula” (RÜCKL; VOSGERAU, 2017). O professor passa a assumir uma

nova posição dentro da sala de aula, deixando de ser o único detentor do conhecimento e passa a ser uma espécie de orientador que auxilia na construção do conhecimento do estudante, garantindo a eficácia das metodologias ativas. Assim Berbel (2011) acredita que

[...] as metodologias ativas têm o potencial de despertar a curiosidade, à medida que os alunos se inserem na teorização e trazem elementos novos, ainda não considerados nas aulas ou na própria perspectiva do professor. Quando acatadas e analisadas as contribuições dos alunos, valorizando-as, são estimulados os sentimentos de engajamento, percepção de competência e de pertencimento, além da persistência nos estudos, entre outras (BERBEL, 2011, p. 28).

De acordo com Castrogiovanni et al (2009, p. 7), “é fundamental proporcionar situações de aprendizagem que valorizem as referências dos alunos quanto ao espaço vivido. Estas referências emergem das suas experiências e textualizações cotidianas”. São pequenas mudanças que podem tornar a Geografia interessante para os estudantes mais uma vez. É preciso mostrar que a Geografia não é apenas uma disciplina decorativa e de fatos abstratos, mas que é uma disciplina que ajuda a entender os processos físicos e humanos que acontecem a todo momento.

Os professores, e também a escola, são os principais agentes nesse processo de recuperação da valorização da Geografia escolar, são responsáveis por criar “condições de trabalho que favoreçam as diferentes estratégias cognitivas e ritmos de aprendizagem, para que o aluno aprenda de forma ativa, participativa, evoluindo dos conceitos prévios aos raciocínios mais complexos” (CASTROGIOVANNI et al, 2009, p. 8).

## **Metodologia**

Para a realização deste projeto, seguimos algumas etapas de preparação essenciais. A primeira etapa foi de observações e realização de diagnóstico da escola. Observamos a estrutura e os rituais da escola, os materiais disponíveis, o contexto social e as turmas. A partir disso, utilizamos como referência o contexto socioespacial vivenciado pelos estudantes e presente no entorno da escola: a existência do Rio Maranguapinho nas proximidades, a ausência de saneamento básico em alguns pontos e a questão do lixo. Dessa maneira, intitulamos o projeto como “Vida na Metrópole”.



A segunda etapa do projeto foi definir as ações que seriam feitas, quanto tempo durariam e como seriam aplicadas. Uma de nossas ideias iniciais era utilizar metodologias ativas nessas ações. Por isso, buscamos mesclar intervenções mais tradicionais com intervenções mais ativas para que não houvesse qualquer tipo de estranhamento por parte dos estudantes no que se refere à tradição e renovação. O projeto possuía quatro temas centrais: Introdução à recursos hídricos, Rio Maranguapinho, saneamento básico e lixo. Para cada assunto que seria abordado, determinamos que as intervenções seguiriam um esquema de uma intervenção expositiva em uma semana e uma intervenção utilizando metodologias ativas na semana seguinte.

Na primeira parte do projeto, a introdução à Recursos Hídricos, abordamos conteúdos centrais sobre o tema para ambientar os estudantes no contexto hídrico de maneira geral. Apresentamos oralmente na primeira intervenção, com o auxílio de slides, os cursos de um rio, explicamos o que é uma bacia hidrográfica e uma rede hidrográfica e alguns conceitos como nascente, foz e delta, entre outros.

Na segunda parte do projeto trabalhamos o contexto do Rio Maranguapinho, onde relacionamos o tema apresentado na semana anterior com o contexto local dos estudantes. Desta maneira, apresentamos a localização da nascente e da foz do Rio, por onde ele passava, além das potencialidades e dos pontos negativos da área do Rio Maranguapinho (poluição, degradação, ação antrópica, etc). Para esta parte do projeto tivemos a ideia de levar para a sala de aula a montagem de uma maquete. Como os conteúdos que havíamos trabalhado foram introdução à Recursos Hídricos e Rio Maranguapinho, pensamos em montar em sala de aula uma maquete que retratasse o maior número de conteúdos possíveis.

Assim, planejamos fazer uma maquete com uma base inclinada, representando a declividade entre a nascente e a foz de um rio; além disso, dividimos a maquete em três partes que se completavam, para representar o alto, o médio e o baixo curso de um rio; e fizemos algumas peças que seriam encaixadas em cada parte da maquete, de acordo com as características delas, estas peças representavam casas, árvores, mata ciliar, animais, lixo, etc. Como o tempo em sala de aula era curto demais para que fizéssemos tudo junto com os estudantes, montamos as bases da maquete e fizemos as peças na sala do PIBID/Geografia-UFC. Desta forma, os estudantes, em sala de aula, apenas montariam as peças no local indicado de cada parte da maquete, com o nosso auxílio.

Para cada turma fizemos uma maquete. Todo o material para a realização desta maquete foi fornecido pelo próprio PIBID (placa de isopor, tinta, cola, impressões, EVA, palitos e papelão) e a maior dificuldade encontrada foi o transporte destes materiais feitos para a escola, nossa solução foi utilizar serviços de transporte particular. As intervenções para a montagem da maquete em sala de aula aconteceram em semanas diferentes para cada turma (em março de 2017), pois foi necessário algum tempo entre as duas intervenções para que nós pudéssemos preparar os materiais para as duas turmas.

A etapa seguinte, em sala de aula, nas duas turmas, separamos os estudantes em 3 equipes e cada uma ficou responsável por uma parte da maquete (alto, médio e baixo curso do rio). Nós, os 6 bolsistas em sala de aula, nos dividimos para que cada equipe tivesse, pelo menos, dois bolsistas os auxiliando. Antes de iniciar, explicamos a atividade para a turma: cada equipe iria montar uma parte do curso do rio e no final deveria explicar para toda a turma as características da parte que ficaram responsáveis.

Após isso, distribuimos as partes da maquete e as peças de cada parte para as equipes. Nós, bolsistas, auxiliávamos cada equipe explicando e tirando dúvidas sobre cada parte do curso de um rio enquanto os estudantes montavam e colavam as peças na maquete. Este momento de montagem da maquete durou cerca de 60 minutos. Após a finalização da montagem, organizamos a sala e nos 25 minutos restantes as equipes apresentaram suas partes da maquete. Iniciando pela equipe do alto curso do rio e finalizando pela equipe do baixo curso do rio, de forma que, no final, a maquete estava completa, com suas três partes unidas.

Na etapa seguinte, juntamos a terceira e a quarta parte do projeto, por serem temas relacionados (saneamento básico e lixo). Assim, montamos mais duas intervenções expositivas, com o auxílio de slides e vídeos, para tratar sobre estes assuntos. Após a intervenção expositiva sobre saneamento básico e lixo, na semana seguinte, preparamos mais uma atividade com uma metodologia ativa para as duas turmas. Nesta intervenção, nossa proposta foi realizar uma oficina de criação de brinquedos com materiais recicláveis, como, por exemplo, um totó, visto que tal ação estava relacionada com os temas em questão, pois saber como reutilizar e reciclar o lixo pode contribuir para a redução da poluição dos rios e para uma melhor qualidade do saneamento básico da cidade.





Preparamos na sala do PIBID algumas caixas de papelão, palitos, bolinhas de desodorante roll on inutilizados e EVAs e levamos para sala de aula a ideia de criar um jogo de pebolim ou totó, como é mais popularmente conhecido aqui no Ceará. Dividimos a turma em cinco equipes e distribuimos os materiais para cada uma. Auxiliamos na montagem e deixamos a decoração de cada totó livre para a criatividade de cada equipe.

### **Resultados obtidos**

Durante a intervenção com uma metodologia tradicional e percebemos que mais da metade dos estudantes, nas duas turmas, não participavam da intervenção, demonstravam desinteresse e muitos simplesmente baixavam a cabeça. Poucos prestavam atenção e menos ainda realmente participavam.

Assim, começamos a trazer metodologias ativas para a sala de aula. Na primeira semana da segunda parte do projeto, novamente, utilizamos uma metodologia tradicional e o resultado o mesmo da semana anterior. Então, para a semana seguinte, preparamos uma intervenção diferente, utilizando uma metodologia ativa. Nos dias da realização desta intervenção, nós estávamos cheios de expectativas e medos: queríamos que a maquete fosse um sucesso, mas tínhamos receio de que os estudantes não colaborassem e transformassem a sala em uma verdadeira bagunça.

As intervenções foram um sucesso nas duas turmas. A participação de todos os estudantes das turmas foi algo surpreendente, todos queriam fazer alguma tarefa do processo de montagem da maquete. Não houve bagunça e nem muita sujeira na sala de aula nas duas turmas, os estudantes se mostraram responsáveis e comprometidos com a intervenção. Durante a montagem da maquete, nós fazíamos uma breve revisão dos conteúdos que já haviam sido abordados nas outras intervenções e, desta vez, os estudantes interagiram conosco, fizeram perguntas e nos falaram de exemplos de suas realidades que tinham relação com os conteúdos.



Eles estavam interessados em saber a relação e a função das “peças” que haviam ao longo do curso de um rio enquanto montavam um (Figuras 1 e 2).

**Figuras SEQ Figura \\* ARABIC 1 e 2. Estudantes montando a maquete.**



Fonte: Acervo das autoras, 2017.

No final das intervenções, como forma de avaliação, os estudantes apresentaram suas partes da maquete e falaram das características e relações encontradas em cada uma dela. Eles demonstraram que haviam entendido como funciona a dinâmica de um rio, desde o alto curso até o baixo curso. Destacaram as ações da sociedade sobre esse local e suas consequências, a importância da mata ciliar, os perigos das casas nas margens de um rio, a poluição nas águas, entre outros pontos importantes apresentados. Durante suas falas, era perceptível o orgulho e a empolgação na voz e na expressão deles (Figuras 3 e 4).

**Figuras 3 e 4. Estudantes apresentando as partes da maquete.**



Fonte: Acervo das autoras, 2017.

Após essas intervenções, refletimos sobre o que havia acontecido nestas duas turmas: o envolvimento, o interesse e a participação dos estudantes foi, realmente, algo surpreendente e que ainda não havíamos vivenciado. Percebemos que o professor, quando quer



(e pode), pode trazer para a sala de aula atividades que envolvam os estudantes, que os estimulem a querer participar e a ser curiosos sobre os conteúdos.

Esta metodologia ativa utilizada em sala de aula, a maquete, é uma maneira e um recurso que potencializa o processo de ensino e aprendizagem, pois possibilita que o estudante faça o conteúdo “acontecer” e, assim, ele consegue relacionar melhor o conteúdo abstrato com a realidade concreta. É uma metodologia que proporciona experiências enriquecedoras, tanto para estudantes como para professores, que pode ser utilizada para qualquer disciplina e conteúdo.

A partir das primeiras intervenções, continuamos seguindo o mesmo modelo no projeto: em uma semana fazíamos uma intervenção expositiva e em outra uma intervenção mais ativa. Os estudantes perceberam essa nova sequência para as atividades do projeto e passaram a prestar mais atenção nas aulas expositivas, pois sabiam que o conteúdo ministrado poderia ser utilizado em uma atividade prática e ativa.

Muitos estudantes tinham experiências dos espaços de vivência desprovidos de saneamento básico e coleta de lixo; já alguns poucos outros, infelizmente, relataram que esta ainda é a realidade vivenciada por eles e suas famílias.

Mesmo sendo uma intervenção com uma metodologia expositiva, os estudantes, em sua maioria, participaram e demonstraram interesse. Pode-se perceber que, mesmo em aulas tradicionais, é possível atrair o interesse dos estudantes, basta trazer para sala de aula exemplos e situações reais, vivenciadas no contexto social e local dos estudantes. Como na atividade anterior, os estudantes participaram e realizaram suas tarefas com dedicação e interesse. Foi uma intervenção animada, onde os estudantes demonstraram para seus colegas seus dons artísticos. Durante a intervenção, conversávamos com as equipes sobre a questão do lixo nas cidades, da falta de saneamento básico, os problemas na saúde da população e como nós podemos contribuir para melhorar a situação.

No final, cada equipe fez a exposição do totó e compartilhou com a turma as ideias que tiveram para reciclar outros materiais e criar brinquedos e utensílios que eles mesmos poderiam fazer e utilizar (Figuras 5 e 6).

**Figuras 5 e 6. Estudantes montando e apresentando o totó feito em sala de aula.**



Fonte: Acervo das autoras, 2017.

A ideia era fazer mais um momento de oficina com as turmas para fazermos sugestões que eles apresentaram, mas por conta de um conflito com o calendário da escola, essa segunda oficina acabou não acontecendo.

### **Considerações finais**

O ensino de Geografia na Educação Básica de ensino precisou passar por diversas fases e transformações, no decurso do tempo. Mesmo com os avanços obtidos no passado, a Geografia na Educação Básica, e mais especificamente nos anos finais do Ensino Fundamental, passa por um momento que pode ser chamado de crise, pois os estudantes possuem cada vez dificuldade em entender o sentido, o significado e a importância da disciplina para a sua formação.

Cabe ao professor, com o apoio da escola, promover a autonomia e o protagonismo de seus estudantes. O professor, nos anos finais do Ensino Fundamental, pode inserir em suas aulas algumas metodologias ativas, bem como aulas que estimulem a criatividade e a ludicidade dos estudantes. Esta inserção não deve acontecer de uma vez, mas sim aos poucos, visto que ainda existem muitos estudantes acostumados com um ensino mais tradicional. É preciso despertá-los aos poucos para que a utilização das metodologias ativas seja positiva para o processo de ensino-aprendizagem.

A promoção de um ensino mais ativo, significativo e com cada vez mais relação com a realidade dos estudantes aparece como um caminho satisfatório para um ensino e uma aprendizagem mais eficaz, mostrando aos estudantes, novamente, o papel e a importância da Geografia para a compreensão da realidade.



### Referências bibliográficas

BASTOS, Celso da Cunha. **Metodologias Ativas**. 2006. Disponível em: <<http://educacaoemedicina.blogspot.com/2006/02/metodologias-ativas.html>>. Acesso em: 23 set. 2018.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan. jun. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/10326>>. Acesso em: 05 out. 2018.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.); CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009. 176 p.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O Ensino de Geografia na Escola**. Campinas: Papirus, 2012. 209p. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. 143 p.

RÜCKL, Bruna de Fátima Nicolini; VOSGERAU, Dilmeire Sant'anna Ramos. Perspectivas da Aprendizagem Ativa no Ensino Fundamental: Uma Revisão Sistemática. In: Congresso Nacional de Educação, 13., 2017, Curitiba. **Anais**. Curitiba: Educere, 2017. p. 11883 - 11901. Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23881\\_12578.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23881_12578.pdf)>. Acesso em: 03 set. 2018.